CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CORRESPONDÊNCIAS – RITA AZEVEDO GOMES | REALIZADORA CONVIDADA
19 de novembro de 2026

O TRIO EM MI BEMOL / 2022

Um filme de Rita Azevedo Gomes

Realização: Rita Azevedo Gomes / Argumento: Rita Azevedo Gomes e Renaud Legrand, baseado na peça teatral *Le Trio en Mi Bémol* de Eric Rohmer / Direcção de Fotografia: Jorge Quintela / Direcção Artística: Roberta Azevedo Gomes / Som: Olivier Blanc / Montagem: Rita Azevedo Gomes / Interpretação: Pierre Léon (Paul), Rita Durão (Adélia), Adolfo Arrieta (Jorge), Olivia Cábez (Mariana).

Produção: Basilisco Filmes – Gong Producciones / Cópia: (DCP), colorida, falada em francês com legendas em português / Duração: 127 minutos / Estreia em Portugal: Dezembro de 2022.

Com a presença de Rita Azevedo Gomes e Pierre Léon

***

O Trio em Mi Bemol, filme de produção esquálida, minimalista, uma espécie de produto da pandemia de 2020/21, um filme feito em confinamento mas não sobre *o confinamento*, ou pelo menos não sobre "esse" confinamento ditado pelas circunstâncias pandémicas. Adapta uma peça de Eric Rohmer, a única que o autor escreveu (ou, pelo menos, publicou), e de que dirigiu uma encenação televisiva no final dos anos 80 (que se pode encontrar, com um pouco de pesquisa, nos mais populares sites de vídeo da internet, para quem quiser cotejar as duas versões). Numa casa em Moledo transformada em estúdio de cinema improvisado (e que não é uma casa qualquer, antes um dos primeiros projectos de Álvaro Siza Vieira), um homem e uma mulher encontram-se periodicamente para longas conversas. Tiveram uma relação há anos, ele continua sozinho ("pour l'instant"), ela vem relatar e lamuriar as novas relações e os novos namorados. Ouvem música (muito Mozart), discutem música, discutem sobretudo a relação com a música, a grande diferença entre eles, muito mais do que os novos namorados ou as contas por fechar. De tempos a tempos, o teatro (ou o cinema) é denunciado: há uma equipa de cinema, liderada por Adolfo Arrieta (nem mais nem menos) a dirigir a encenação. E isto é, descritivamente, o essencial do que se passa neste belíssimo filme, uma espécie de longa dança (pós-ante-nupcial) que tem a leveza e a gravidade (não admira que a realizadora dê tanta importância ao chão da casa) de um encontro de Renoir e de Mozart.

Surpreende, para quem conheça bem a obra de Rita Azevedo Gomes, um filme onde a carga romântica e literária aparece substituída por este bailado e este ping pong dos diálogos, muitas vezes evocativo do estilo de uma "screwball comedy" (e como a maior parte delas, também é um pouco uma "comédia do recasamento"). Pierre Léon, que não é actor profissional, e Rita Durão, presença habitual nos filmes de Rita, formam o par central. Um francês não-actor, uma actriz não-francesa a braços com um texto dito em

francês. Essa tensão, esse combate dos actores com o texto, para mais dado em longas cenas de plano único, é um dos espectáculos de **Trio em Mi Bemol**. Há um momento genial a resolver a questão da fluência e do sotaque da personagem de Rita Durão, que não fala o francês perfeito de Léon – ela engana-se (faz uma confusão entre as palavras "reproche", "censurar", e "rapproche", "aproximar") e ele corrige-a, e a partir daí, como uma espécie de apontamento naturalista num filme totalmente artificioso, a questão fica arrumada, aceitamos todos os tropeções no texto e não pensamos mais neles.

Mas de qualquer modo a "imperfeição" está perfeitamente integrada no filme. O primeiro diálogo é interrompido ao fim de algum tempo, pela voz do realizador Arrieta, que acha que é preciso recomeçar tudo, sem saber explicar porquê, "sente" apenas que é preciso. No fim, numa espécie de "gag" cumulativo, voltará a dizer mesmo, mas para o filme todo. Adolfo Arrieta, o mais desconhecido dos grandes cineastas espanhóis, recentemente (em 2022) objecto de uma retrospectiva integral aqui na Cinemateca, é uma presença quase cómica, mas traz ao filme uma certa distensão, pausas irrisórias para toda a gente (intervenientes e espectadores) recuperar o fôlego. Como disse a realizadora em entrevista: "*a comédia também reflecte a alegria de estarmos num ambiente criativo, e permite uma espécie de simultaneidade entre a construção do filme e a construção das personagens feita pelo texto. Há ali um espaço muito interessante que nem sei bem definir entre os momentos em que eles são os actores e aqueles em que são as personagens. Queria preservar esse espaço indefinível, até pela maneira como o filme foi feito, porque nasceu todo no momento da rodagem: as canções, as músicas, o vento, os eucaliptos…*"

E a casa, que foi esvaziada para a rodagem, transformada num "estúdio", assume também a condição de "espaço indefinível". Uma espécie de elipse, de abstracção geográfica, a reforçar as elipses do texto, baseado em encontros separados por meses ou anos. Mas também a adensar a bolha cultural. O texto de Rohmer não é evidentemente "deste tempo", reflecte uma espécie de aristocracia cultural muito típica do seu meio e da sua geração, entre a consciência e a inconsciência da sua extinção. **Trio em Mi Bemol** preserva isso, de forma ao mesmo tempo divertida e comovente, sobretudo a ideia (central no diálogo) de que a relação com os objectos culturais e artísticos (a música, mas podia ser o cinema) é uma forma de relacionamento com os outros, através desses objectos – algo que hoje, na época do "consumo cultural" e das "indústrias culturais", se arrisca a parecer incompreensível.

Luís Miguel Oliveira